

INVASÕES ■ Ocupantes têm casas, mas querem proximidade do trabalho

MARCOS BRANDÃO



Remoção de barraco junto à orla do Lago: invasores ameaçam voltar

Barracas de catadores de lixo são retiradas de área pública da Asa Sul

Priscila Machado

Catadores de lixo que trabalham e dormem em áreas públicas da Asa Sul foram removidos ontem. Uma operação da Subsecretaria de Defesa da Água e do Solo (Sudesa) retirou 53 barracas de madeira e lona, além do lixo acumulado por eles.

Um dos pontos de catadores fica na margem do Lago Paranoá, ao lado da Ponte das Garças. Além de usar a área para depositar o lixo que recolhem das ruas, eles dormem no local, em barracos improvisados.

Ana Luiza Gonçalves de Paiva, 32 anos, vive há cinco meses na área. Ela contou que morava em Planaltina, mas, após ficar desempregada e sem dinheiro para pagar o aluguel, passou a dormir nas barracas improvisadas.

— Não queria isso pra mim, mas não tive alternativa, vim para cá porque fiquei desempregada — disse.

O chefe de equipe da Sudesa, Levertton Eustáquio, disse que operações para remover os catadores são rotineiras, mas que eles sempre sempre voltam a ocupar área pública.

— A maior parte dos catadores tem residência em outro lugar, no DF ou entorno, mas dormem aqui porque fica mais fácil para trabalhar. Nesse local, há cerca de um mês, nós retiramos essas mesmas pessoas daqui. Sempre faze-

mos operações como essa, mas depois de umas duas semanas eles voltam — disse.

Em frente a Fundação Banco do Brasil, no Setor de Clubes Sul, os agentes da Sudesa encontraram outro ponto de catadores. Lá, foram removidas 48 barracas de madeira e lona.

A gerente de Ações Especiais da Secretaria de Desenvolvimento Social e Trabalho (Sedest), Rosa José Ribeiro Fernandes, diz que os catadores voltam a ocupar a área pública porque não têm condições de bancar os custos com transporte.

— Eles geralmente moram no Entorno, longe do local em que trabalham. Como a passagem é cara para ir e voltar todos os dias, eles costumam dormir no espaço em que trabalham — explicou.

Segundo ela, o problema será resolvido quando começarem a funcionar os galpões prometidos pelo Serviço de Limpeza Urbana (SLU). Os espaços vão funcionar como depósito do material recolhido pelos catadores.

— Com os galpões, eles não vão mais dormir em área pública, porque serão criadas cooperativas para melhorar o trabalho e a renda dessas pessoas — disse.

Os catadores foram encaminhados à Sedest. Por três meses, eles podem receber um auxílio aluguel, no valor de R\$ 300.